

Senhoras e senhores colegas,

Prezados convidados,

É uma grande honra estar aqui participando em discussões e procedimentos organizados pelo parlamento do seu país.

O parlamento de um país com grande história, de um povo com longa tradição na luta pela democracia.

É especialmente valiosa essa ponte de comunicação que se desenvolve entre-nos. Uma ponte que carrega conhecimento e experiências,

Uma ponte que compõe opiniões e enriquece a análise,

Uma ponte na qual encontram-se os grandes problemas dos nossos povos, com a perspectiva e a busca para que se revelem também as soluções.

Soluções baseadas na justiça social e nos direitos democráticos dos povos, a progresso e a prosperidade.

Senhoras e senhores,

Nos últimos três anos o nosso planeta está sendo abalado por uma crise inédita, e de imensa profundidade e extensão.

Segundo a minha opinião, esses últimos anos, não são os anos que geraram a crise, mas sim a consequência de uma crise longa e profundo que começou muitos anos atrás.

O desmoronamento do sistema creditório é a consequência de uma longa crise de encolhimento do capitalismo, que começou na década de 70.

Dês dos meados da década de 70 os índices de desenvolvimento e crescimento dos EUA, da Europa e do Japão, caíram pela metade relação aos índices dos 30 anos anteriores, sem se recuperarem dê de então.

O surgimento do Neoliberalismo, do estilo Thatcher e Reagan, que foi o precursor da globalização, foi exatamente um pacote de medidas para enfrentar essa crise.

Essas medidas tinham como objetivo a intensificação da competição no mercado mundial, ato que concordava com as medidas que adotavam as grandes empresas.

Tinham também o objetivo de alterar o equilíbrio do poder econômico e social, entre a classe capitalista e trabalhista, a favor da primeira.

Aos poucos as medidas se tornaram regras e nos levaram no estabelecimento de novas condições financeiras, que usualmente interpretamos com o termo de globalização.

Paralelamente, os mercados creditórios, que estavam em expansão, tornaram-se o antídoto para os cada vez mais encolhidos mercados comuns.

Chegando então aos dias atuais constatamos que temos que lidar com uma longa crise estrutural, e com a tentativa de administrar e superar a mesma, através da globalização de um lado e do desenvolvimento dos mercados creditórios do outro.

Porem, o sistema creditório desmoronou e o diagnostico dos sintomas da globalização foi bem claro.

Os pobres têm se tornaram mais pobres ainda, e vão ser rejeitados, os ricos se tornaram mais ricos ainda, a insegurança

vem crescendo, os ritmos de desenvolvimento são baixos e o meio ambiente prejudicado.

E essas conseqüências, já estão bem claras, não apenas para os países emergentes, mas também para os países desenvolvidos.

A pergunta então, que prevalece, é, se existe solução alternativa para os problemas financeiros da economia mundial capitalista.

Nesse ponto, temos que anotar o fato de que a dominação do neoliberalismo e o crescimento do mercado são resultados da correlação das forças políticas e econômicas do mundo desenvolvido.

Se o neoliberalismo parece ser inevitável, é porque traz benefícios e lucros para a classe que domina a vida política e econômica nas duas ultimas décadas.

A conclusão então é, que enquanto o equilíbrio do poder político e econômico permanece a favor da classe capitalista, o neoliberalismo irá se preservar.

Em relação aos países pequenos, é uma grande e elaborada mentira dizer que não existe espaço para outra política.

Talvez eles não tenham as mesmas possibilidades de intervenção que os grandes países têm, mas as que eles dispõem não são nada fracas, como aprovou a decisão da Malásia a fiscalizar o movimento dos capitais após a crise na Ásia no ano 1997-98.

Não se afastou do mercado mundial e nem teve execuções financeiras piores do que dos outros países da região os quais se submeteram à terapia do FMI.

Mas conseguiu salvar uma parte do custo que essa terapia neoliberalista implicava.

O exemplo mais recente de um país que administrou a dívida pública e os déficits com uma lógica política diferente, é o do Equador.

A formação da Comissão de fiscalização das finanças, a negação do pagamento da ilegítima dívida, foi uma escolha que beneficiou o povo e que fortaleceu o país.

Hoje então, estamos encarando um dilema:

De um lado o neoliberalismo, que manda mensagens para todos os lados de que precisamos ainda mais dele, até a queda final,

E do outro lado, a escolha de outro modelo, que seria mais racional e mais justo para a sociedade, e que possa surgir através de uma vasta reforma, tanto social, quanto política.

Hoje, diante desse dilema que é inevitável, estamos sendo convocados para respondermos.

Em princípio teremos que responder sem afastar o problema e sem colocá-lo em uma época que deterministicamente ainda está para vir.

Esta é uma resposta metafísica, que possa atender a fantasia, mas destrói a realidade.

Estamos sendo convocados para responder em umas políticas, econômicas e sociais propostas que tenham núcleo coordenado e a possibilidade de convencer os povos.

Estas propostas terem que ser orientadas na limitação do capital e no fortalecimento da social e política posição dos povos.

Estas propostas terão que contribuir na reforma geral da sociedade, que será impossível sem a mais forte social, econômica e política presença dos povos.

Como consequência de tudo isso, gostaria de enfatizar os seguintes pontos:

O capitalismo, como sistema social, caracteriza-se pela progressiva comercialização de tudo, mas principalmente a comercialização do poder trabalhista, do dinheiro e da terra.

Isso, em nível político, e na realidade atual, caracteriza-se pela criação de mecanismos sólidos que derrubam as normas democráticas e a liberdade. Isso é mais que visível na Grécia, por causa do imenso aguçamento da crise.

Portanto, as propostas que limitam a possibilidade do sistema para garantir os acima citados requisitos, contariam a lógica do sistema e criam espaço para importantes mudanças sociais.

A resistência à dominação do dinheiro e do sistema creditório, não tem apenas o caráter de defesa e da limitação da ganância dos oportunistas.

Contem principalmente, a negação de resolver os problemas financeiros através de soluções dos mecanismos sistêmicos.

Soluções que produzem pobreza, degradação, liquidação das fontes de riqueza do país, demolição dos direitos e dos bens sociais.

Com essa lógica como base, me permitem considerar a proposta para a fiscalização das finanças, proposta revolucionária.

Revolucionária nos seguintes níveis:

Econômico, político, movimentar, de independência nacional e institucional.

E explico.

No nível econômico

A dívida pública bate nessa hora no coração da crise da zona do Euro.

A dívida pública grega, que é muito alta durante anos, tem aumentado muito desde 2009. A dívida pública irlandesa, vem se aumentando gradualmente desde do momento que acrescentaram na mesma, as dívidas dos bancos privados.

Portugal e Espanha ocorrem o perigo de seguir o mesmo caminho.

É bem provável que tendências assim possam aparecer em outros países europeus também, como já parece ser pela Itália e até mesmo pela França.

A crise de 2007-9 levou a imensas despesas, tanto por causa do salvamento do sistema creditório, quanto por causa da redução da produção e do aumento do desemprego.

Na periferia da zona do Euro, as coisas foram muito piores, enquanto a moeda comum, enfraquece os países periféricos, levando-os a grandes déficits nas transações atuais, assim como aconteceu na Grécia.

O aumento da dívida pública, levou muitos governos europeus à adoção de políticas de frugalidade.

Gastos públicos foram cortados, inclusive os que estavam designados a saúde e educação. Salários e aposentadorias foram reduzidos. As taxas extra foram aumentadas.

Tudo isso na Grécia, já tem passado dos limites.

O custo da crise foi transferido para as costas do povo que nada tinha haver com a crise de 2001-7.

Na Grécia, essa transfusão recebe dimensões catastróficas, junto com a queda da renda e o desemprego em massa.

A Comissão, simplesmente, abre o caminho para duas outras direções.

A primeira. Que paguem os responsáveis.

A segunda. A avaliação logística da dívida, tem haver com a aquisição de empréstimos futuros.

Temos que colocar condições e margens, para que o futuro empréstimo se submete a fiscalização democrática e planejamento antropocêntrico.

No nível político

Promove uma percepção política totalmente diferente, já que a pergunta não é mais se a Grécia pode pagar a dívida, mas é, se e qual parte deverá pagar.

Esta nova percepção anula a submissão aos oportunistas credores, com promessas de que vamos pagar tudo.

Esta nova percepção libera forças da regra do caminho de uma mão e os seus temores.

Esta nova percepção enfraquece politicamente e financeiramente direções que para se tornarem o apoio do sistema, abusaram do povo grego.

Esta nova percepção é provavelmente a pequena razão que ira contribuir com a sua própria força e dinâmica, na grande questão que é o conhecimento e a conscientização política.

No nível movimentar

A Comissão adquiriu carne e osso apenas no ponto da sua contribuição e ação na sociedade, na medida da organização do seu movimento.

A Comissão não é um conselho de sábios do tipo fechado. Não é mais um conselho governamental que cobre e esconde as situações.

É um grande envolvimento dos sindicatos, das organizações e dos cidadãos que assumem a responsabilidade das suas vidas.

Não tem guardiões, já que pertence à sociedade.

É democrática já que surgiu da sociedade.

No nível institucional

É direito democrático e sagrado que os cidadãos têm que saber o porquê e o como foi causado isso que eles têm que pagar hoje.

Este procedimento destrói toda doutrina de responsabilidade coletiva e de culpa e abre o caminho para o começo da responsabilidade que é o principio básico da instituição

democrática. Em contraste sempre com a doutrina da responsabilidade coletiva, da punição coletiva que é o princípio da percepção fascista.

No nível de independência nacional

É claro que a negação do pagamento aos oportunistas emprestadores a quintessência para a independência nacional de um povo.

É também é claro que hoje, a minha pátria encontra-se com o seu poder nacional reduzido, já que está no papel de mandatário dos oportunistas e dos interesses que eles atendem.

É mandatário e sob a guarda de outros países, com a aceitação pelo primeiro ministro Sr. Giorgos Papandreou, que depois do seu encontro com o Nicola Sarcosi, desceu a bandeira do país declarando-o como protetorado.

Os gaulaiders se estabelecem no meu país e isso forma para o governo grego uma evolução evidente e parte de um acordo.

Um acordo vergonhoso.

Uma vez, meus senhores e senhoras, tinha caracterizado a Comissão como uma rachadura ao sistema.

Hoje estou convencida de que se trata de algo muito maior.

Trata-se do passo táctico necessário para duas vitórias importantes.

A primeira é o político, social e econômico fortalecimento dos povos.

E a segunda, como consequência da primeira, a mudança da correlação das forças políticas.

Trata-se de duas vitórias estratégicas. Uma de qualidade e a outra de quantidade.

Nas circunstâncias atuais, tamanha mudança, não constitui revolução. Mas é revolucionária.

Senhoras e senhores

Sabemos que os olhares do mundo inteiro estão virados para o nosso país, a Grécia.

E eu digo que o olhar do povo grego está virado para qualquer lugar do planeta onde se manifestam propostas e sugestões, as quais trazem a dinâmica da prova.

E o momento crítico da contribuição de vocês, encontra-se na imensa possibilidade que vocês têm. A possibilidade da prova.

É muito importante conseguirmos percorrer juntos a região viva da história e da memória, compreendendo que o que aconteceu no Equador, na Argentina, no Brasil, na Irlanda, amanhã possa acontecer na Grécia, no Portugal, na Espanha.

A prova está aqui e vem da América do Sul

Senhoras e senhores companheiros,

Gostaria de parar um pouco na necessidade da prova.

Infelizmente é verdade e é a verdade atual, o fato de que as anulações das visões para um mundo melhor, mergulharam os povos na doutrina do – se uma visão foi evitada, então me contento com a realidade.

Os povos foram testemunhas da anulação de todas as suas visões alternativas.

É por isso que precisamos de prova. Simples, compreensível, fácil de conseguir.

Ou seja, a confirmação do poder e a verificação de uma proposta através de um acontecimento que já é uma histórica e política prática.

Porque, antes do procedimento do movimento no qual espera a Comissão, existe a necessidade de convencer que em algum momento em algum lugar do planeta, as coisas aconteceram de modo diferente.

E aqui na América do Sul nasceu esta prova.

É nosso dever, tanto histórico, quanto político, transformar esta prova em um teórico guia de ação.

Esta será a grande contribuição de vocês.

E não é por acaso que essa prova foi documentada e continua sendo, por países que se encontram em baixo do hipogástrico macio da metrópole do capitalismo.

Porque nenhum presente político é estranho a um passado histórico.

Da dor nasce a sabedoria

Da pressão nasce a resistência

A sabedoria e a resistência geram novos mundos

Senhoras e senhores

Estando aqui no parlamento de vocês, sinto a necessidade de ler umas poucas palavras do epitáfio de Péricles, que junto ao klisthenis, são os pais da democracia.

E neste berço da democracia exatamente do jeito que deveriam ser os parlamentos de todos os países independentes, essas palavras e sentidos, vêm de 2500 anos atrás.

Diz o Péricles

....e o nosso regime político se chama democracia, pelo fato que o governo do país encontra-se não nas mãos dos poucos, mas sim nas mãos dos muitos.....

Com esse depoimento crescemos na Grécia.

E por essa razão sabemos que o caminho que leva ao amanhã, o caminho onde o governo do país se encontrará nas mãos dos muitos, passa através das feridas do hoje, através das feridas do meu povo e da minha pátria.

Traçaremos esse caminho.

E para que isso aconteça, os nossos povos não podem em nenhum momento parar de serem companheiros de viagem.